



Viver a Palavra

A liturgia do 21.º Domingo do Tempo Comum fala-nos de opções. Lembra-nos que podemos gastar a vida a perseguir valores estéreis ou, em contrapartida, a apostar em valores eternos, capazes de dar pleno sentido à nossa existência. Deus aponta-nos o caminho; mas a decisão final é sempre nossa. *In Dehonianos*

+++++

Continuamos no ciclo - Ano B - do Ano Litúrgico. Durante todo este ano litúrgico – 2023/2024 -, acompanhamos o evangelista S. Marcos em grande parte das proclamações do Evangelho. Deste modo, como preparação, poderá ser oportuna uma proposta de formação para todos os fiéis acerca do Evangelho de S. Marcos.

E faremos isso....

Em anexo à Liturgia da Palavra ficará disponível um texto sobre o evangelista Marcos. Também poderão melhorar os conhecimentos bíblicos – do Novo Testamento, mas também do Antigo Testamento – em <https://parochiavilarandorinho.pt/fbiblica/>. Proporciona-se a todos os fiéis, um maior conhecimento deste precioso tesouro que é a Sagrada Escritura.

LEITURA I – Josué 24,1-2a.15-17.18b

Naqueles dias,

Josué reuniu todas as tribos de Israel em Siquém.

Convocou os anciãos de Israel,
os chefes, os juizes e os magistrados,
que se apresentaram diante de Deus.

Josué disse então a todo o povo:

«Se não vos agrada servir o Senhor,
escolhei hoje a quem quereis servir:
se os deuses que os vossos pais serviram no outro lado do rio,
se os deuses dos amorreus em cuja terra habitais.

Eu e a minha família serviremos o Senhor».

Mas o povo respondeu:

«Longe de nós abandonar o Senhor para servir outros deuses;
porque o Senhor é o nosso Deus,
que nos fez sair, a nós e a nossos pais,
da terra do Egito, da casa da escravidão.

Foi Ele que, diante dos nossos olhos,
realizou tão grandes prodígios
e nos protegeu durante o caminho que percorremos
entre os povos por onde passámos.

Também nós queremos servir o Senhor,
porque Ele é o nosso Deus».

CONTEXTO

O Livro de Josué é uma reflexão sobre a história do Povo de Deus no período que vai desde a sua entrada em Canaã até à morte de Josué (talvez por meados do séc. XII a.C.). Descreve sobretudo a conquista da Terra

Pronetida (cf. Js 1,1-12,24) e a distribuição do território pelas tribos (cf. Js 13,1-21,45). Um apêndice final, redigido provavelmente durante o Exílio na Babilónia, apresenta outro material, nomeadamente refere a despedida e a morte de Josué, bem como a notícia de uma reunião geral de tribos em Siquém, antes da morte de Josué (cf. Js 22,1-24,33).

Em geral, a preocupação dos autores da “escola deuteronomista” que compuseram este livro é mais de carácter teológico do que histórico. Por exemplo, a conquista da Terra é apresentada como uma campanha fulgurante e fácil em que as doze tribos a uma só voz, sob a liderança de Josué, se apoderaram facilmente de toda a Terra. Mas, historicamente as coisas não aconteceram dessa forma... O livro dos Juízes, muito mais realista, fala de uma conquista lenta, difícil (cf. Jz 1) e incompleta (cf. Jz 13,1-6; 17,12-16), que não foi obra de um povo unido à volta de um chefe único, mas de tribos que fizeram a guerra isoladamente. Mais do que descrever factos históricos, os autores do livro estão interessados em afirmar o poder de Javé, posto ao serviço do seu Povo. Foi Deus – e não a capacidade militar das tribos – que, com os seus prodígios, ofereceu a Israel a Terra Prometida; Israel, por sua vez, deve responder a esse dom mantendo-se fiel à Aliança e aos mandamentos.

O texto que a liturgia deste vigésimo domingo comum nos propõe como primeira leitura situa-nos na fase final da vida de Josué. Sentindo aproximar-se a morte, Josué teria reunido em Siquém os líderes das tribos e ter-lhes-ia proposto uma cerimónia de renovação da Aliança com Javé. Terá sido uma assembleia onde participaram as doze tribos que, mais tarde (na época de David) vão constituir uma unidade nacional? Os biblistas acham que não. Na “assembleia de Siquém” não estaria certamente a tribo de Judá, já que os contactos entre Judá e a “casa de José” só se estabeleceram na época do rei David. Por outro lado, a “casa” de Josué, referida no texto, reuniria provavelmente apenas as tribos do centro do país (Efraim, Benjamim e Manassés), as tribos que viveram a experiência da libertação do Egito, da caminhada pelo deserto e da Aliança do Sinai e que há muito tempo tinham aderido a Javé e à Aliança. E as outras tribos, convidadas a comprometer-se com Javé? Seriam, provavelmente, as tribos do norte do país (Issacar, Zabulón, Neftali, Asher e Dan), que não tinham estado no Egito e não tinham experimentado a maravilhosa aventura da libertação.

Alguns pensam que a “assembleia de Siquém”, referida em Js 24, foi a primeira tentativa histórica de estabelecer laços entre as tribos instaladas no centro e as tribos instaladas no norte da Palestina. Na perspectiva de Josué, a ligação deveria fazer-se à volta de uma fé comum num mesmo Deus. Na realidade, a união das tribos do norte e do centro não se deu de uma vez; mas foi uma caminhada lenta e progressiva, que só se completou muitos anos depois de Josué ter desaparecido de cena. *in Dehonianos*

INTERPELAÇÕES

- Vivemos mergulhados na cultura do efémero e do contingente. Somos condicionados para acreditar que, enquanto andarmos na terra, a nossa vida nunca estará fechada. As condições alteram-se, as pessoas mudam, os cenários variam, a nossa compreensão das coisas vai-se modificando. O que hoje nos parece perfeitamente adquirido, amanhã é-nos apresentado como incerto e variável. Dizem-nos que nada é definitivo e que a nossa liberdade de tudo rever é ilimitada. Neste vórtice, perguntamo-nos a cada instante: que caminhos escolher? Que valores privilegiar? Em que cenário de fundo queremos desenhar a nossa vida? É neste contexto que hoje somos convidados a escutar o desafio colocado por Josué ao Povo de Deus na “assembleia de Siquém”: “escolhei hoje a quem quereis servir”. A expressão interpela-nos acerca das nossas opções fundamentais, dos valores que sustentam a nossa caminhada, das nossas referências e prioridades... O que é que para nós é decisivo e inegociável? Quais são os “deuses” que nos fazem correr? Que lugar é que Deus e as suas propostas ocupam na construção da nossa vida? Como queremos realmente viver?
- Israel aceitou “servir o Senhor” e comprometer-se com Ele, não por obrigação, mas pela convicção de que era esse o caminho para ser feliz e encontrar Vida. Foi uma escolha livre de um povo que, depois de ver como Deus atuava, acreditou na bondade e no amor de Deus. Nós não somos escravos de Deus, obrigados a cumprir as regras que Ele impõe; Deus não é um concorrente do homem, um adversário controlador e ciumento que limita a nossa independência e que rouba a nossa liberdade. Deus apenas está interessado na nossa libertação, na nossa realização e na nossa felicidade. Como é que nós entendemos as propostas e os mandamentos de Deus: como exigências que condicionam e reprimem, ou como indicações seguras, fruto do amor e da bondade de Deus, para nos fazerem chegar à nossa plena realização?
- Josué, o líder que sucedeu a Moisés na condução do Povo de Deus, teve um papel fundamental no sentido de ajudar o Povo a discernir os caminhos mais adequados para construir um futuro com sentido. O discurso de Josué não é um discurso populista ou politicamente correto; o procedimento de Josué não procura condicionar as escolhas do Povo e obrigá-lo a fazer opções que não desejava; o pronunciamento de Josué não é um pronunciamento irresponsável e descomprometido... Josué, com firmeza, mas também com respeito, limitou-se a afirmar os seus valores e a oferecer o seu testemunho de forma clara, coerente e incisiva: “eu e a minha família serviremos o Senhor”. É assim – com esta lisura, com esta verdade e com esta coerência – que vemos proceder aqueles que têm

a responsabilidade de presidir à comunidade (religiosa ou civil)? E nós próprios, quando temos a responsabilidade de animar uma comunidade, é assim que procedemos? *in Dehonianos*.

SALMO RESPONSORIAL – Salmo 33 (34)

Refrão: Saboreai e vede como o Senhor é bom.

A toda a hora bendirei o Senhor,
o seu louvor estará sempre na minha boca.
A minha alma gloria-se no Senhor:
escutem e alegrem-se os humildes.
Os olhos do Senhor estão voltados para os justos
e os ouvidos atentos aos seus rogos.
A face do Senhor volta-se contra os que fazem o mal,
para apagar da terra a sua memória.
Os justos clamaram e o Senhor os ouviu,
livrou-os de todas as suas angústias.
O Senhor está perto dos que têm o coração atribulado
e salva os de ânimo abatido.
Muitas são as tribulações do justo,
mas de todas elas o livra o Senhor.
Guarda todos os seus ossos,
nem um só será quebrado.
A maldade leva o ímpio à morte,
os inimigos do justo serão castigados.
O Senhor defende a vida dos seus servos,
não serão castigados os que n'Ele se refugiam.

LEITURA II – Efésios 5,21-32

Irmãos:

**Sede submissos uns aos outros no temor de Cristo.
As mulheres submetam-se aos maridos como ao Senhor,
porque o marido é a cabeça da mulher,
como Cristo é a cabeça da Igreja, seu Corpo,
do qual é o Salvador.
Ora, como a Igreja se submete a Cristo,
assim também as mulheres
se devem submeter em tudo aos maridos.
Maridos, amai as vossas mulheres,
como Cristo amou a Igreja e Se entregou por ela.
Ele quis santificá-la,
purificando-a no batismo da água pela palavra da vida,
para a apresentar a Si mesmo como Igreja cheia de glória,
sem mancha nem ruga, nem coisa alguma semelhante,
mas santa e imaculada.
Assim devem os maridos amar as suas mulheres,
como os seus corpos.
Quem ama a sua mulher ama-se a si mesmo.
Ninguém, de facto, odiou jamais o seu corpo,
antes o alimenta e lhe presta cuidados,
como Cristo à Igreja;
porque nós somos membros do seu Corpo.
Por isso, o homem deixará pai e mãe,
para se unir à sua mulher,
e serão dois numa só carne.
É grande este mistério,
digo-o em relação a Cristo e à Igreja.**

CONTEXTO

Paulo passou em Éfeso, no decurso da sua terceira viagem missionária, e ficou lá um pouco mais de dois anos (cf. At 19,8.10). Éfeso era, por essa altura, a capital da Província romana da Ásia e um dos mais importantes centros comerciais e religiosos do mundo greco-romano. O seu templo de Artémis, considerado uma das sete maravilhas do mundo antigo, era conhecido em toda a bacia mediterrânea.

A partir do trabalho missionário de Paulo, formou-se em Éfeso uma comunidade cristã dinâmica, viva e fervorosa. Paulo viveu esse tempo de estadia em Éfeso de forma muito intensa, criando uma relação privilegiada com a comunidade, como ficou patente quando o apóstolo, no final dessa viagem, quis encontrar-se com os anciãos de Éfeso, em Mileto, numa despedida carregada de emoção e de sentimento (cf. At 20,17-38).

Estranhamento, na Carta aos Efésios não transparece essa ligação pessoal entre Paulo e os cristãos de Éfeso. É uma carta com uma reflexão madura e cuidada, mas bastante formal e impessoal. Isso tem contribuído para que alguns neguem a autenticidade paulina da Carta aos Efésios, considerando-a como obra tardia de um discípulo de Paulo. O mais provável, contudo, é que se trate de uma “carta circular”, enviada por Paulo a diversas igrejas do ocidente da Ásia Menor (atual Turquia), entre as quais se contava também a comunidade cristã de Éfeso.

O texto que a liturgia deste vigésimo primeiro domingo comum nos apresenta como primeira leitura está incluído na parte moral e parenética da Carta aos Efésios (cf. Ef 4,1-6,20). Aí, o autor da Carta aos Efésios lembra aos crentes, de forma bastante concreta, a opção que fizeram no dia do seu Batismo e que os obriga a viver como Homens Novos, à imagem de Jesus.

Na secção de Ef 5,21-6,9 são apresentadas algumas das normas que devem reger as relações familiares. De forma especial referem-se os deveres dos esposos, cuja união é apresentada como figura da união de Cristo com a sua Igreja. Trata-se de um dos temas mais importantes da teologia desenvolvida na Carta aos Efésios. *in*

Dehonianos

INTERPELAÇÕES

- O compromisso com Jesus mexe com a totalidade da vida dos seres humanos e tem consequências em todos os níveis da existência, nomeadamente ao nível da relação familiar. Para além de ser oásis de amor e de felicidade, o espaço da relação familiar também é, para os casais cristãos, um lugar onde se vivem e se manifestam os valores do Reino de Deus. Com a sua partilha de amor, com a sua união, com a sua comunhão de vida, o casal cristão é chamado a ser sinal e reflexo da união de Cristo com a sua Igreja. Por isso, a Igreja pede: “os esposos, feitos à imagem de Deus e estabelecidos numa ordem verdadeiramente pessoal, estejam unidos em comunhão de afeto e de pensamento e com mútua santidade de modo que, seguindo a Cristo, princípio da vida, se tornem, pela fidelidade do seu amor, através das alegrias e sacrifícios da sua vocação, testemunhas daquele mistério de amor que Deus revelou ao mundo com a sua morte e ressurreição” (*Gaudium et Spes*, 52). Os casais cristãos estão conscientes de que são chamados a dar testemunho no mundo, com o seu amor, com a sua entrega, com a sua harmonia, com a sua vida partilhada, da união entre Cristo e a sua Igreja?
- O amor de Cristo, manifestado em todos os gestos da sua vida, mas tornado patente de forma superlativa na cruz, é o modelo para todos os nossos “amores”, incluindo o amor dos esposos. O amor dos casais cristãos é um amor definido pelo dom total de si próprio em favor do outro; é um amor que vive de olhos postos no bem do outro; é um amor que não procura ser servido, mas servir e dar vida; é um amor que não é competição de direitos e deveres, mas comunidade de partilha e de serviço; é um amor que não é arrogante, nem orgulhoso, nem injusto, nem prepotente; é um amor que compreende os erros e as falhas do outro, e que tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta (cf. 1 Co 13,4-7). É assim que vivem e amam aqueles de entre nós que foram chamados à vocação matrimonial?
- Paulo, dirigindo-se às mulheres, recomenda-lhes que assumam, frente aos maridos uma atitude de “submissão” (poderíamos traduzir também a palavra utilizada pelo apóstolo como “docilidade”). Evidentemente, temos de enquadrar a recomendação de Paulo no contexto sociocultural da época, em que o marido era considerado a referência fundamental da ordem familiar (“porque o marido é a cabeça da mulher” – diz Paulo). Seja como for, esta “palavra” de Paulo nunca poderá ser utilizada como pretexto para justificar qualquer atitude de discriminação baseada no sexo ou de imposição da autoridade do homem sobre a mulher: nem na sociedade, nem na Igreja, nem no contexto familiar. Aliás, Paulo dirá, noutras circunstâncias, que “não há judeu nem grego, não há escravo nem livre, não há homem e mulher, porque todos sois um só em Cristo Jesus” (Gl 3,28). Respeitamos a dignidade de cada pessoa, sem discriminar e sem tratar de forma menos própria aqueles que caminham connosco? *in Dehonianos*.

EVANGELHO – João 6,60-69

Naquele tempo,

muitos discípulos, ao ouvirem Jesus, disseram:

«Estas palavras são duras.

Quem pode escutá-las?»

Jesus, conhecendo interiormente

que os discípulos murmuravam por causa disso,

perguntou-lhes:

«Isto escandaliza-vos?

E se virdes o Filho do homem
subir para onde estava anteriormente?

O espírito é que dá vida,
a carne não serve de nada.

As palavras que Eu vos disse são espírito e vida.

Mas, entre vós, há alguns que não acreditam».

Na verdade, Jesus bem sabia, desde o início,
quais eram os que não acreditavam
e quem era aquele que O havia de entregar.

E acrescentou:

«Por isso é que vos disse:

Ninguém pode vir a Mim,
se não lhe for concedido por meu Pai».

A partir de então, muitos dos discípulos afastaram-se
e já não andavam com Ele.

Jesus disse aos Doze:

«Também vós quereis ir embora?»

Respondeu-Lhe Simão Pedro:

«Para quem iremos, Senhor?

Tu tens palavras de vida eterna.

Nós acreditamos

e sabemos que Tu és o Santo de Deus».

CONTEXTO

Depois de Jesus ter saciado a fome da multidão que o seguia (cf. Jo 6,1-15), gerou-se uma situação equívoca. A multidão esperava que Jesus fosse um messias-rei que lhe oferecesse uma vida confortável e pão em abundância; e Jesus estava bem consciente de que a sua missão não era “dar coisas”, mas sim oferecer-se a si próprio para que a humanidade tivesse Vida. A multidão esperava de Jesus uma proposta humana que conduzisse ao triunfo e à glória; e Jesus sabia claramente que o caminho que tinha para propor era o caminho da cruz, da vida dada até ao extremo, por amor. Percebendo que a multidão e Ele não estavam no mesmo comprimento de onda, Jesus não quis alimentar mal-entendidos; e, no “discurso do pão da vida” (cf. Jo 6,22-59), procurou deixar clara a sua proposta. Depois de escutarem Jesus, os seus interlocutores perceberam que tinham de fazer uma opção decisiva: ou continuar a viver numa lógica humana, virada para os bens materiais e para as satisfações mais imediatas, ou assumir a lógica de Deus, seguindo o exemplo de Jesus e fazendo da vida um dom de amor para ser partilhado.

O texto do Evangelho que a liturgia deste vigésimo primeiro domingo comum nos propõe refere a reação negativa de “muitos discípulos” às propostas que Jesus deixou no ar, naquele discurso feito na sinagoga de Cafarnaum, no dia a seguir à partilha dos pães e dos peixes. Nem todos os discípulos que, até agora, o seguiam pelas aldeias e vilas da Galileia estão dispostos a identificar-se com Jesus (“comer a sua carne e beber o seu sangue”) e a oferecer a sua vida como dom de amor que deve ser partilhado com toda a humanidade.

Poderá ser útil também, para entendermos a “catequese” aqui feita pelo autor do Quarto Evangelho, lembrarmos o contexto em que vivia a comunidade joânica, nos finais do séc. I, quando o Evangelho segundo João foi escrito... Os cristãos eram discriminados e perseguidos em todo o Império romano; muitos discípulos afastavam-se, recusando-se a seguir Jesus no caminho do dom da vida; outros, confusos e perplexos, questionavam-se se para ser cristão seria preciso percorrer um caminho tão radical e de tanta exigência... A proposta que Jesus tinha apontado aos seus conduziria, efetivamente, à felicidade e à Vida plena, ou ao fracasso e à morte? Neste cenário – um cenário que exigia opções decisivas – o “catequista” João procura, recorrendo às palavras de Jesus, encontrar respostas que devolvam aos cristãos o ânimo e a esperança. *in Dehonianos*

INTERPELAÇÕES

- Um dos mais belos dons de Deus é a liberdade. Contudo, no exercício da liberdade, somos a cada passo confrontados com escolhas; e, muitas vezes as escolhas que fazemos são decisivas para o êxito ou o fracasso da nossa vida. É essa a grande questão que atravessa o Evangelho que escutamos neste domingo. De um lado está um projeto de vida – alimentado e cultivado por alguns dos discípulos que seguem Jesus – alicerçado na ambição pessoal, que busca glória humana, poder, bens materiais, resposta imediata a interesses próprios; é um projeto que responderá a determinadas necessidades básicas do homem, mas que dificilmente preencherá uma vida com sentido. Do outro lado está o projeto de Jesus, que propõe uma vida feita dom, concretizada em gestos de serviço, de partilha, de generosidade, de amor até ao extremo; é um projeto que, muitas vezes, implica andar contra a corrente e enfrentar a incompreensão e a perseguição, mas que conduz à Vida verdadeira e eterna. Como nos situamos face a isto? Qual a nossa opção?

- Confrontados com a radicalidade do projeto de Jesus, “muitos discípulos” decidiram que aquilo não era para eles e foram-se embora. Estavam demasiado reféns dos seus sonhos de riqueza fácil, dos seus desejos egoístas, dos seus valores fúteis, dos seus jogos de poder e de influência, dos seus comodismos e seguranças... Provavelmente tinham ido atrás de Jesus pelas razões erradas. Trata-se de um “equivoco” que tem tendência a repetir-se: em cada época da história há “discípulos” de Jesus – talvez até figuras de referência nas nossas comunidades cristãs – que andam com Ele pelas razões erradas e que assumem um estilo de vida claramente divorciado da proposta de Jesus. Cultivam valores ociosos, vivem obcecados com os bens materiais, tratam os irmãos com prepotência e arrogância, não têm escrúpulos em pôr os outros a servi-los, tratam a comunidade como sua propriedade privada, não olham a meios para atingir determinados fins. Este quadro diz-nos alguma coisa? O quê?
- Os Doze ficaram com Jesus, pois estavam convictos de que só Ele tem “palavras de Vida eterna”. Ao lado de Jesus descobriram outra maneira de viver; a mensagem de Jesus apontou-lhes uma Vida verdadeira e definitiva que eles antes não conheciam. Por isso, estão decididos a deixarem-se conduzir por Jesus. Não veem ninguém que os ajude, melhor do que Jesus, a dar sentido às suas vidas. Esses Doze representam aqueles que não se conformam com a banalidade de uma vida construída sobre valores efémeros e que querem ir mais além; representam aqueles que não estão dispostos a conduzir a sua vida ao sabor da preguiça, do comodismo, da instalação; representam aqueles que aderem sinceramente a Jesus, se comprometem com o seu projeto e se esforçam por viver em coerência com a opção por Jesus que fizeram no dia do seu Batismo. Vemos esses Doze como modelo da nossa adesão a Jesus e ao seu projeto? Mesmo com as falhas que resultam da nossa fragilidade, procuramos viver com coerência e verdade o nosso compromisso com o seguimento de Jesus?
- Jesus não parece estar tão preocupado com o número de discípulos que continuarão a segui-Lo, quanto com o manter a verdade e a coerência do seu projeto. Ele não faz cedências fáceis para ter êxito ou para captar a benevolência e os aplausos das multidões, pois o Reino de Deus não é um concurso de popularidade... O Evangelho que Jesus veio propor conduz à Vida plena, mas por um caminho que é de radicalidade e de exigência e que muitas vezes está em contradição com as ideias e valores que o mundo privilegia. “Suavizar” as exigências do Evangelho, a fim de que ele seja mais facilmente aceite pelos homens do nosso tempo, pode ser desvirtuar a proposta de Jesus e despojar o Evangelho daquilo que ele tem de verdadeiramente transformador. O que deve inquietar-nos não é tanto o número de pessoas que vão à Igreja, mas é mais o mantermos a fidelidade ao programa de Jesus. Anunciamos e testemunhamos o Evangelho de Jesus sem cedências fáceis e sem prescindirmos da sua radicalidade e exigência?
- Um dos elementos que sobressai no Evangelho deste domingo é a serenidade com que Jesus encara o “não” de alguns discípulos ao projeto que Ele veio propor. Diante desse “não”, Jesus não força as coisas, não protesta, não ameaça, mas respeita absolutamente a liberdade de escolha dos seus discípulos. Jesus mostra, assim, o respeito de Deus pelas decisões (mesmo erradas) do homem, pelas dificuldades que o homem sente em comprometer-se, pelos caminhos diferentes que o homem escolhe seguir. O nosso Deus é um Deus que respeita o homem, que o trata como adulto, que aceita que ele exerça o seu direito à liberdade. É bom caminharmos sentindo que Deus respeita a nossa autonomia e liberdade. Por outro lado, um Deus tão compreensivo e tolerante convida-nos a dar mostras de misericórdia, de respeito e de compreensão para com os irmãos que seguem caminhos diferentes, que fazem opções diferentes, que conduzem a sua vida de acordo com valores e critérios diferentes dos nossos. É esse o testemunho que damos? Procuramos respeitar as diferenças, os “diferentes”, sem assumirmos atitudes de marginalização ou de exclusão? Respeitamos a legítima liberdade dos homens e das mulheres que caminham ao nosso lado? *in Dehonianos*

Para os leitores:

I Leitura: (ver anexo)

II Leitura: (ver anexo)

Para acompanhar a Liturgia da Palavra / a Mesa da Palavra.

O BISTURI DA PALAVRA DE DEUS

Neste Domingo XXI do Tempo Comum, escutaremos a sexta e última Parte do Capítulo VI do Quarto Evangelho, que contempla os últimos versículos (João 6,60-69), e estende a discussão antes havida da multidão (João 6,25-40) e dos judeus (João 6,41-58) com Jesus, também aos discípulos em geral, que entram agora em cena em João 6,60, para pouco depois saírem de cena, para fora da ação de Jesus, em João 6,66, sendo então a vez dos Doze e de Pedro entrarem em cena (João 6,67-69).

Veja-se a gradação: multidão, judeus, discípulos, Doze e Pedro. Curiosamente, os discípulos, numa espécie de imbricação, retomam a atitude dos judeus, que os precederam em cena: murmuram (*goggýzô*) como

eles contra o escândalo da encarnação e das origens divinas de Jesus (João 6,61), e classificam como duro (*sklêrós*), incompreensível, intragável (João 6,60), o discurso de Jesus sobre a sua carne-vida dada em alimento para a vida verdadeira.

Além de «murmurar» como os judeus de Cafarnaum e do deserto (Êxodo 15,24; 16,2 e 7-8; 17,3; Números 14,2.27.29.36), muitos dos discípulos abandonam Jesus e «voltam para trás» (João 6,66), configurando-se como anti discípulos e anti povo de Deus, que, no deserto, também pretende voltar para trás, para o Egito (Êxodo 14,12; 16,3; 17,3; Números 14,3-4). Ora, o discípulo verdadeiro é aquele que vai atrás de Jesus, seguindo-o, e não o que volta para trás, abandonando-o.

De notar ainda que, no caso dos discípulos, e de forma diferente da multidão e dos judeus, é Jesus que faz a pergunta e dá a resposta. Os discípulos apenas murmuram, não ouvem, não respondem e vão-se embora. No caso dos Doze, é Jesus que faz a pergunta, e é Pedro que, em nome dos Doze e em contraponto com todos os grupos anteriores, não se limita apenas a responder, mas profere uma verdadeira profissão de fé (João 6,68-69).

Vendo bem, neste Capítulo VI do Evangelho de João, que hoje atinge o seu ápice, as diversas reações aos acontecimentos de Jesus, a que a exegese chama «crise galilaica», antecipam e leem já as crises sucessivas que vão aparecer na Igreja. Trata-se sempre da grande decisão de fé pró ou contra a humildade da Encarnação, da Cruz e da Eucaristia. A Palavra de Jesus que se ouve aqui, e continua a ouvir-se ainda hoje, será sempre como um bisturi que divide, julga e purifica.

A mesma grande decisão ou incisão está patente no grande texto de Josué 24,1-18. Josué profere diante de todo o povo reunido um dos mais belos e completos «módulos narrativos» de toda a Escritura, mostrando ao povo que foi Deus que conduziu a inteira história de Israel, com amor poderoso, desde o outro lado do Rio Eufrates, chamando e conduzindo os passos de Abraão, libertando depois o povo da opressão do Egito, guiando-o pelo deserto, libertando-o dos inimigos poderosos que o ameaçavam por todos os lados, e fazendo-o entrar na Terra de Canaã (Josué 24,2-14). Depois desta descrição maravilhosa que tem Deus por sujeito, Josué abre o tempo das decisões, em que «servir» é a palavra-chave, que se ouve por 14 vezes. Servir ou não servir, eis a questão posta por Josué ao povo: «Se não vos agrada servir o Senhor, escolhei hoje a quem quereis servir» (Josué 24,15a). Josué avança a sua escolha e decisão: «Eu e a minha família serviremos o Senhor!» (Josué 24,15b). Então, o povo repassa outra vez na memória do coração todos os benefícios que lhe fez o Senhor, desde a libertação do Egito, aos sinais e prodígios realizados em seu favor, à proteção assegurada pelo Senhor ao longo do caminho percorrido e perante os adversários (Josué 24,16-18a), para afirmar logo convictamente: «Nós também serviremos o Senhor» (Josué 24,18b).

E, na Carta aos Efésios 5,21-32, o «serviço» chama-se amor. O texto hoje lido constitui um extrato de um dos «Códigos familiares», que se encontram nas chamadas Cartas editadas de S. Paulo. Estas Cartas que remontam a Paulo, mas que são editadas depois da sua morte, já não traduzem o esforço evangelizador patente nas Cartas autênticas, mas procuram levar o Evangelho a situações concretas da vida, como sejam a família e o trabalho. O texto de hoje realça sobretudo a relação marido-esposa, que deve retratar a relação sublime e salutar Cristo-Igreja. Mas, se a leitura continuasse, também veríamos o Evangelho a renovar as relações pais-filhos e patrões-empregados.

Voltamos, pelo terceiro Domingo consecutivo, à música do Salmo 34. Desta vez para nos apercebermos melhor que Deus atende sempre com solicitude os gritos de socorro do justo perseguido (v. 16.18), ao mesmo tempo que apaga da terra a memória dos malfetores (v. 17.22). Esta certeza é muitas vezes a única e a última defesa do justo que sofre às mãos dos ímpios. Os Salmos de imprecação, ou as suas partes mais violentas, foram abolidos da oração oficial, como se não fossem, na verdade, Palavra inspirada. Pecado nosso, que assim mostramos não compreender o realismo e a eficácia da oração bíblica, e dificultamos aos aflitos o poder extravasar diante de Deus as suas amarguras, e deixamos os violentos a maquirar tranquilamente as suas crueldades, como se Deus não visse nem ouvisse nem lhes pedisse contas.

António Couto